Juventude, condições e modelos de vida: o contexto sociocultural da Quinta da Fonte

Otávio Raposo*

Resumo

Os domínios do trabalho e do parentesco são, muitas vezes, considerados "mundos antagónicos", incomunicáveis, na nossa sociedade. No entanto, observámos, entre os jovens descendentes de imigrantes africanos do bairro da Quinta da Fonte (Loures), a completa indissociabilidade entre estas duas esferas. Com efeito, ao articularmos as estratégias de educação familiar com a posição de classe e as actividades económicas dos jovens do bairro, tornou-se mais fácil compreender os seus diversos percursos escolares e profissionais. Este trabalho reflecte a problemática desta articulação.

Introdução

A ideia de que os domínios da economia e do parentesco são incomunicáveis está enraizada na nossa sociedade. Segundo alguns autores, os processos de industrialização e de modernização seriam responsáveis pelo afastamento entre ambas as esferas (Parsons, 1955), pensadas enquanto esferas de acção antagónicas da vida social dos indivíduos (Lima, 2004). Um dos defensores desta perspectiva, amplamente discutida por Weber (1992)[1], foi o sociólogo Talcott Parsons (1955), o qual conclui que a expansão da sociedade industrial ocasionou a separação e a especialização dos mundos do trabalho e da família, cujos papéis diferenciados foram necessários para a estabilidade e o desenvolvimento da sociedade, no seu conjunto. Uma das consequências dessa separação de mundos seria a perda de importância da família face ao domínio económico[2]. Segundo esta concepção funcionalista, a industrialização alterou o papel da família, assim como a sua relação com outras instituições sociais, tornando-a menos

* Concluiu a licenciatura em Sociologia na FCSH e o Mestrado em Antropologia Urbana pelo ISCTE. É sociólogo na Comunidade Vida e Paz - Instituição de Apoio aos Sem Abrigo. Este artigo baseia-se na investigação do Estágio Profissional realizado com o Fórum Sociológico (FCSH/UNL) e a Câmara Municipal de Loures, em 2005.

[1] Para Weber (1992), as transformações na estrutura familiar foram fundamentais para a ascensão da sociedade capitalista, dado que o tradicionalismo familiar era um obstáculo ao seu desenvolvimento.

[2] Nesta óptica, o "grau de civilização" de uma sociedade poderia ser pensado a partir da forma pela qual os laços de parentesco são vivenciados. Assim, acaba-se por transmitir a ideia de que nas sociedades onde é atribuída demasiada importância às relações de parentesco, o grau de civilização e de desenvolvimento tecnológico é menor (Parsons, 1955).

relevante, no conjunto das actividades produtivas (Pleck, 1976). Mas, como sublinha a antropóloga Antónia Lima (2004), a separação entre as esferas de acção do parentesco e da economia possui uma forte carga ideológica, sendo um elemento constitutivo da sociedade industrial (Lima, 2004:117). As teorias funcionalistas analisaram os domínios da economia e do parentesco em pólos opostos, baseando-se numa suposta distinção de actividades e de objectivos entre eles, em que as interferências mútuas seriam praticamente inexistentes (Pleck, 1976), pois ambos os domínios são considerados isoladamente, dividindo-se em diferentes unidades emocionais e geográficas. Isto é, enquanto o domínio da economia estaria relacionado com as esferas do trabalho, da impessoalidade, da racionalidade, dos interesses, dos objectivos e com as normas públicas e universais, o domínio do parentesco estaria ligado ao que é familiar, íntimo, emocional, assim como às normas particulares e pessoais.

As próprias forças políticas e produtivas da sociedade capitalista seriam as principais responsáveis pela propagação desta ideia de separação entre os dois domínios, muito aceite nos discursos de senso comum e até mesmo no interior das ciências sociais. Todavia, um conjunto de investigadores tem vindo a rebater estas teorias, salientando o carácter multidimensional da vida social. A inseparabilidade das várias esferas sociais seria o caminho a seguir, pois nas vidas em sociedade não existiriam esferas independentes (Pais, 2003). Parte-se do princípio de que, sem entender a base afectiva e familiar dos indivíduos e as suas referências culturais, não poderemos compreender os seus objectivos, interesses e, inclusive, a sua localização no mundo do trabalho. A investigadora Antónia Lima (2004) tentou demonstrar a necessidade de apreender a dimensão económica, entrelaçada com a dimensão do parentesco no seu estudo sobre as empresas familiares. Este tipo de organização "familiar" pode ser considerado como uma espécie de "caricatura" da indissociabilidade entre estas duas esferas, pois as suas relações económicas estão tão imersas em relações de parentesco que se torna quase impossível concebê-las isoladamente. Se, por um lado, podemos considerar que a industrialização e outras transformações registadas na estrutura do trabalho e da economia influenciaram e alteraram a vida familiar, constatamos, por outro, que esta continua a ser fundamental para a compreensão das esferas económicas e produtivas na sociedade actual. A estrutura familiar alterou-se, o seu significado também, mas a esfera do parentesco continua a manter um carácter decisivo na reprodução do sistema capitalista e de um determinado modo de vida (Pleck, 1976). Por isso, para apreender um pouco da "realidade" sociocultural dos jovens descendentes de imigrantes africanos da Quinta da Fonte, no Concelho de Loures, tivemos de assumir a ligação entre a esfera do parentesco e a da economia.

A pertença étnica e as trajectórias escolares e profissionais foram outras dimensões abordadas na tentativa de conseguirmos conhecer estes jovens. Só desta forma poderíamos, por um lado, identificar o peso relativo que as diferentes condições estruturais – neste caso, as relativas à posição de classe e à filiação étnica – teriam no desenvolvimento das estratégias de socialização utilizadas pelas famílias destes jovens e, por outro, perceber como estes factores actuam na construção de determinadas trajectórias escolares e profissionais, assim como modelos e códigos de vida. Por outras

palavras, amparando-nos no conceito de subcultura, tentámos problematizar o grau de importância da posição de classe e da pertença étnica na compreensão dos tipos de inserção laboral, em que a precariedade é um sinal distintivo. Antes de relacionarmos este conjunto de dimensões, faremos uma breve descrição histórico-social do bairro onde estes jovens estão inseridos, de forma a melhor contextualizá-los, pois o território assume um papel fundamental para a compreensão das suas relações. Partimos, assim, do pressuposto de que a organização espacial de um território influencia e é influenciada pelo modus vivendi de uma dada população, num permanente processo de (re) construção (Antunes, 2002). Esta ideia torna obrigatório o enquadramento histórico e sociocultural da Quinta da Fonte.

1. Nota metodológica

A investigação no bairro da Quinta da Fonte, localizado na Freguesia da Apelação, teve a duração de nove meses e foi realizada no âmbito do Estágio Profissional promovido pelo Fórum Sociológico (FCSH/ UNL) e a Câmara Municipal de Loures em 2005. Propusemo-nos, então, compreender os processos de construção de identidades culturais e territoriais dos jovens de origem africana do bairro e a sua relação com as diversas instâncias sociais em que estão inseridos, como a família, a escola e o trabalho.

Para este efeito, procurámos conhecer o percurso biográfico de quatro jovens do bairro, através de entrevistas realizadas no formato de "relatos de vida"[3] assim como as visões que funcionários e dirigentes de instituições e associações[4] presentes na Quinta da Fonte tinham sobre eles e o respectivo processo de realojamento. Privilegiou-se, neste estudo, o método "hipotético-indutivo", pois foi através da pesquisa de terreno que definimos conceitos e hipóteses de trabalho. Para formulá-los, estivemos permanentemente no bairro em contacto directo com os jovens, participando das situações por eles vividas. Desta forma, valorizámos a observação participante e o trabalho de campo, dado que estas técnicas permitem uma actualização constante das ideias e dos problemas encontrados, numa permanente troca entre observador e observado (Burgess, 1997). Acompanhar o quotidiano dos jovens em locais de intensa sociabilidade (esquinas, associações, cafés e outros) revelou-se importantíssimo para ganhar a sua confiança e fazer entrevistas que pudessem permitir um olhar "de perto e de dentro" das relações laborais, escolares e familiares, revelar o seu quotidiano, momentos de lazer, as redes de amizade, entre outras (Magnani, 2003).

Como a investigação etnográfica apela a diferentes escalas de observação e análise (Gulick, 1989), esta foi realizada englobando três níveis de análise distintos: I) o

[3] Os relatos de vida dão voz aos que vivem o quotidiano a partir da sua subjectividade. A sua importância está nesta capacidade de nos transportar ao mundo do indivíduo, mundo invisível aos nossos olhos, porque esta metodologia é "um tipo particular de documento pessoal que leva em conta o aspecto subjectivo do social" (Poirier, 1995: 146).

[4] Entrevistámos alguns funcionários e associados do Centro Comunitário da Apelação, Divisão Municipal de Habitação da Câmara Municipal de Loures, Associação de Moradores da Quinta da Fonte, Associação Ajuda de Mãe, Junta de Freguesia da Apelação, Grupo Recreativo Apelaçonense, Programa Escolhas da Quinta da Fonte, Associação Casa da Angola, Pastoral dos Ciganos, Jardim de Infância da Apelação, Escola Básica EB1 e Escola Básica Integrada 1, 2, 3 da Apelação.

quotidiano de alguns jovens que frequentavam o Centro Comunitário da Apelação[5]; II) a sua experiência nas ruas e esquinas que constituem ponto de encontro e de sociabilidade para os jovens e III) os discursos desses jovens sobre o bairro e suas experiências vivenciadas nas várias esferas sociais. Por último, entrevistámos funcionários das instituições presentes naquele espaço.

A impossibilidade de conhecer todos os jovens de origem africana da Quinta da Fonte – algumas centenas – ou de construir, devido às limitações de tempo, uma amostra representativa deste universo, tornou indispensável adoptar uma metodologia que nos permitisse apreender a heterogeneidade existente neste universo juvenil. Daí a opção de conhecer o percurso biográfico de dois jovens que frequentavam o Centro Comunitário da Apelação e de outros dois que apenas estabeleciam relações residuais com o mesmo. Partimos do pressuposto de que os dois primeiros mantinham relações privilegiadas com as instituições formais existentes no bairro e, por isso, seriam mais influenciados por estas, enquanto os dois últimos frequentavam com mais assiduidade as ruas do bairro, estando aptos, desta forma, a formular um discurso mais independente. Utilizámos, também, o critério da idade – terem entre 18 e 26 anos – e de etnia – terem diferentes origens nacionais africanas – na escolha dos entrevistados.

Em cada entrevista, fizemos uma leitura a partir da lógica do entrevistado, estando atentos aos jogos de palavras, às contradições e representações. Na transcrição das entrevistas decidimos reproduzir na íntegra as suas declarações, incluindo calão, as palavras em crioulo e outras expressões informais. Para além das entrevistas realizadas, formulámos um pequeno inquérito respondido por oito jovens que estavam a frequentar o curso de informática dinamizado pela Associação Casa da Angola no Centro Comunitário da Apelação. A utilização de um diário de campo constituiu um meio para registar as nossas observações e reflexões durante o trabalho empírico, evitando o risco de esquecer algumas informações valiosas. Não fizemos anotações de campo enquanto participávamos do convívio com os jovens do bairro porque tal poderia ser mal interpretado e servir de obstáculo a um reforço da proximidade. Quase toda a nossa observação se concentrou no universo juvenil masculino, já que eram os rapazes que mais assiduamente ocupavam os espaços públicos do bairro (a rua, a esquina ou o campo de futebol).

O pressuposto de que a conjugação de dados qualitativos e quantitativos é o melhor método para compreender o nosso objecto de estudo nas ciências sociais direccionou-nos para a recolha de dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística – INE (Censos 2001) e pela Divisão Municipal de Habitação da Câmara Municipal de Loures. Estes dados estatísticos foram valiosos para revelar o perfil socioeconómico dos habitantes da Quinta da Fonte e para medir o crescimento da freguesia da Apelação na última década. Todavia, a informação estatística sobre a população da Quinta da Fonte era muito escassa e apresentava sérias limitações, dada a inexistência de uma base de dados organizada e disponível sobre as famílias do bairro na altura da investigação.

[5] Pertencente à Câmara Municipal de Loures. É a instituição que mais reunia os jovens do bairro, designadamente num espaço chamado Apelarte.

Convém reafirmar que as conversas informais e o convívio com os jovens nas ruas do bairro, durante os meses de trabalho de campo, assim como a participação em algumas actividades realizadas pelo Centro Comunitário da Apelação, foram de grande mais-valia na percepção de uma pluralidade de sensibilidades que, cruzadas e confrontadas entre si, possibilitaram construir alguns dos "mapas de significação" que orientavam os jovens no quotidiano (Pais, 2003: 76).

2. Apresentação do bairro: território e população

A Quinta da Fonte é um bairro de realojamento situado na Freguesia da Apelação, no Concelho de Loures, situado a 30-40 minutos de Lisboa numa viagem de autocarro. Com uma população residente de 3153 pessoas[6], este bairro teve o seu início em 1996, ano em que chegaram os primeiros residentes. O processo de formação da Quinta da Fonte decorreu de forma bastante rápida e abrupta para as famílias que para lá foram transferidas. O seu realojamento não foi planeado com antecedência devido à necessidade urgente de esvaziar os terrenos que ocupavam e onde seriam construídas as futuras urbanizações da EXPO 98[7] e as vias rodoviárias que dariam acesso à ponte Vasco da Gama. Como ambos os projectos estavam calendarizados e não havia moradias projectadas para serem construídas para abrigar esta população, a Câmara Municipal de Loures, com o apoio do Plano Especial de Realojamento (PER), comprou os prédios entretanto erguidos na Freguesia da Apelação por uma cooperativa de moradores. Estes, na sua maioria, abandonaram o projecto, já que consideravam que a partilha do bairro com moradores realojados desvalorizaria os seus imóveis. Tal acabou por transformar a Quinta da Fonte num bairro fundamentalmente composto por pessoas que habitavam anteriormente em barracas e/ ou bairros clandestinos.

Ao percorrermos a Quinta da Fonte, notámos que os seus arruamentos estão todos asfaltados e com iluminação, as lixeiras estão em muitas esquinas e os telefones públicos não são uma raridade. Contudo, isto não impede o bairro de ter ruas insalubres porque muitos dos seus moradores deixam o lixo no chão, chegando a deitá-lo das janelas dos seus apartamentos. Os prédios do bairro possuem entre cinco a sete andares e, para um olhar menos atento, aparentam estar em óptimas condições de habitabilidade. Com cores que variam do castanho claro ao mais escuro e avermelhado, estes edifício apresentam diferentes graus de conservação. Um conjunto minoritário de prédios distingue-se por possuir elevadores, jardins, portas de vidro em óptimo estado, pinturas exteriores em boas condições, interfones, pouco lixo na proximidade e, às vezes, até varandas. Os demais edifícios, que constituem a maior parte das moradias do bairro, possuem, em maior ou menos grau, as paredes exteriores grafitadas, as portas partidas (ou mesmo inexistentes), ausência de elevadores, lixo espalhado nos acessos, interfones e caixas de correio danificados. Desta forma, constatámos a existência de

[6] Dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) referentes ao Censo 2001 – Recenseamento da População e Habitação.

[7] A EXPO 98 foi um dos maiores eventos realizados em Lisboa. Proporcionou a requalificação de espaços urbanos envelhecidos e marginais em espaços emblemáticos e cosmopolitas; estabelecer uma redefinição simbólica não só da cidade de Lisboa, mas de todo país, foi um dos desafios mais importantes deste projecto (Baptista e Pujadas, 2000).

dois tipos de ocupação na Quinta da Fonte: os edifícios pertencentes aos associados das cooperativas que permaneceram no projecto, identificados pelo melhor estado de manutenção; e os edifícios pertencentes à Câmara Municipal de Loures, destinados aos realojados, em que é patente o pior estado de conservação[8]. Com paredes feitas de *pladur*[9], em vez de tijolo, como no caso dos prédios pertencentes às cooperativas, a qualidade da sua construção é motivo de protesto entre os realojados, como fica expresso nas palavras do Presidente da Associação dos Moradores da Quinta da Fonte:

> "Todos se queixam. A população foi realojada sem ninguém lhe ensinar como se utiliza uma porta, uma campainha, o telefone interior, a sanita, toda mal construída em plástico. A população africana trabalha nas obras, com coisas pesadas, pega para partir ou para pôr no lugar, e imagina como é que um pedreiro vai viver numa casa de papelão, pladur e plástico" [Presidente da Associação dos Moradores da Quinta da Fonte].

A maior parte da população realojada é oriunda de bairros clandestinos localizados na Freguesia do Prior Velho e na Freguesia da Portela[10]. Contudo, muitas famílias habitavam outras freguesias do Concelho, o que evidencia a multiplicidade de origens residenciais dos habitantes do bairro. Na Quinta da Fonte, regista-se também uma grande diversidade étnica, pois os seus moradores compõem-se do seguinte modo:

– 53% são de origem africana (na sua maioria cabo-verdianos, angolanos, guineenses e são-tomenses);
– 21% são portugueses ciganos;
– 26% são portugueses não ciganos[11].

De acordo com declarações e entrevistas recolhidas junto de moradores realojados, e depois confirmadas junto dos funcionários da Câmara Municipal de Loures, os habitantes foram dispersos pelos diversos edifícios, sem critério. A forma abrupta como foi realizado o realojamento – motivada pela urgência em se cumprir os prazos de conclusão das novas urbanizações da EXPO 98 – é registada como a razão pela qual os residentes tiveram uma participação mínima neste processo. Desta forma, as redes familiares e de vizinhança existentes nos antigos bairros foram praticamente ignoradas, situação que teve como consequência o enfraquecimento das várias redes de suporte económico e sentimental que facilitavam o seu dia-a-dia. Segundo explicou um técnico do Centro Comunitário da Apelação:

[8] O bairro da Quinta da Fonte é composto por 72 prédios com um total de 776 apartamentos, dos quais 554 pertencem à Câmara Municipal de Loures. Os restantes 194 fogos estão aglutinados em 18 prédios pertencentes aos associados da cooperativa Cheuni e O Meu Ninho.
[9] A placa de gesso laminado é muita utilizada em construções de baixo custo para substituir paredes e tectos.
[10] Ressaltamos que alguns desses bairros ainda existem, como é o caso da Quinta da Serra, já que parte do seu território não se sobrepõe às obras de urbanização realizadas.
[11] Dados da Divisão Municipal de Habitação (DMH) da Câmara Municipal de Loures (Grupo de Estudos Sociais, 2004).

> "Este foi um realojamento quase 'toma lá a chave, desenrasquem-se!" [Técnico do Centro Comunitário da Apelação].

Ao percorrermos a Quinta da Fonte constatámos que muitos prédios eram partilhados por famílias ciganas, africanas e portuguesas oriundas de diversos bairros. Tal situação dificultava a convivência entre vizinhos, bastante impreparados para viver num ambiente intercultural, tampouco num território tão denso em termos populacionais. Além disso, parece não ter havido preocupação em explicar aos moradores como funcionavam os recursos existentes nas suas novas casas, assim como as exigências e responsabilidades decorrentes de viver num prédio (pois anteriormente viviam em barracas ou em casas clandestinas). Podemos entender que a Quinta da Fonte foi construída ignorando-se as características dos seus futuros moradores, tendo tal facto repercussões negativas na qualidade de vida destes. Esta ideia é especialmente vincada pelo Presidente da Associação de Moradores do bairro:

> "A população realojada não foi só do Prior Velho, foi de um conjunto de bairros, desde Odivelas, a Bugalheira, Catujal e outros bairros daqui da zona. Por isso é que a Quinta da Fonte é o pior exemplo de realojamento, se calhar, de todos os bairros de realojamento. (...) Quando se quer realojar uma população deve-se convidá-la a pensar isso em conjunto. Mas não foi nada disso, os agentes sociais não fizeram nenhum papel e continuam a ter um papel muito negativo, porque sensibilizar as pessoas é uma coisa, mobilizar é outra. Foi meter num saco e despejar! (...) Hoje, mais de 50% da população está descontente porque caiu numa ilusão. A Quinta da Fonte é um bairro totalmente em constante degradação: pessoal, de ambiente, de habitação" [Presidente da Associação dos Moradores da Quinta da Fonte].

Importa realçar que as habitações da Quinta da Fonte foram construídas a uma certa distância das urbanizações mais antigas da freguesia da Apelação, estando um pouco isoladas. Ou seja, os novos edifícios que integram o bairro parecem formar um conglomerado independente das restantes casas do núcleo principal da Apelação, constituindo-se como um mundo à parte onde os moradores da chamada "Apelação velha" não ousam entrar. Esta apreciação ganha contornos ainda mais evidentes quando se trata de uma freguesia pequena como a da Apelação, com uma feição rural e composta por uma população bastante envelhecida. Para que tenhamos uma melhor ideia do impacto da Quinta da Fonte no seio desta freguesia recorreremos aos dados relativos à sua dimensão populacional, antes e depois da incorporação do novo bairro. Se, em 1991, a população residente na Freguesia da Apelação era de 3419 pessoas, em 2001 este número subiu para 6043[12], o que representou um aumento em torno de 77%. Este aumento foi consequência, fundamentalmente, da formação do bairro em questão. Todas estas transformações afectaram profundamente os antigos habitantes desta freguesia, como explica o vice-presidente do Grupo Recreativo Apelaçonense, uma associação constituída pelos antigos moradores da Apelação:

[12] Dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) referentes ao Censo 2001 – Recenseamento da População e Habitação.

> "Aqui na nossa freguesia o que foi notório e toda a gente entendeu, é que foi uma carga muito grande, muito pesada para um meio tão pequeno e de característica rural como nós éramos. (...) Todos os dias sofremos aqui com a pequena criminalidade: assaltam automóveis, roubam viaturas e incendeiam-nas, assaltam casas em pleno dia, vão aos estabelecimentos comerciais e roubam, utilizam a força, mas miúdos! Miúdos de 12, 13, 14, esses, nós já começamos a dizer que já não são miúdos, mas há miúdos de 6, 7 e 8 anos. Depois, a polícia é chamada constantemente. O problema é que a polícia não pode fazer nada" [Sr. José Carneiro].

A existência de algumas situações de conflito – zangas entre vizinhos, pequenos furtos, roubos de carros – envolvendo alguns dos moradores da Quinta da Fonte faz com que este bairro seja identificado, pelos que lá não vivem, como um local extremamente perigoso, um território racialmente conotado, no qual a imagem dos jovens descendentes de imigrantes africanos é associada ao fenómeno dos chamados *gangues*[13]. Todo este contexto dificulta a relação entre antigos e novos habitantes da Apelação, favorecendo a ocorrência de situações de tensão entre ambos. É que, simultaneamente, os diferenciais de poder entre ambas as populações são muito fortes. Os antigos habitantes da freguesia possuem uma forte coesão interna e beneficiam de uma situação económica muito superior à das famílias realojadas, além de ocuparem os postos mais importantes das associações locais, como a Junta de Freguesia da Apelação e a Colectividade Recreativa Apelaçonense. Os laços sociais entre as famílias realojadas são bem mais ténues, não só pelo facto de viverem no bairro há pouco tempo, mas também, como salientámos atrás, pela forma como decorreu o processo de realojamento, ao misturar famílias de diferentes procedências e referências culturais.

Não é, aliás, por acaso que as associações criadas pelos realojados têm pouca força[14] e persistam situações de conflito, designadamente entre as populações ciganas e de origem africana. Estamos diante do que Norbert Elias e John Scotson (2000) caracterizaram como uma relação entre estabelecidos, os "de dentro" (*established*) e os marginais, "os de fora" (*outsiders*), em que os habitantes mais antigos monopolizam as fontes de poder e detêm os meios para exercer a sua superioridade social. As conversas e dizeres depreciativos, o racismo e a exclusão das fontes de poder são as armas do grupo estabelecido para afirmar a sua supremacia face aos novos moradores, vistos através dos atributos que os associam à anomia[15], à delinquência e à violência (idem). As diferenças étnicas e nacionais entre antigos e novos moradores acabam por reforçar o estatuto de "fora" (*outsider*) dos últimos, dado que a aparência física e a linguagem facilitam ainda mais o "reconhecimento" do grupo já estigmatizado. Tal

[13] A noção de gangue ganhou destaque nos estudos da Escola de Chicago na década de 1920, e é utilizada para designar uma organização com racionalidade instrumental e fins de mobilidade social entre os seus integrantes. Altamente hierarquizados e com uma identificação a um território, os gangues costumam estar envolvidos em comportamentos violentos e podem estar ligados a actos de delinquência (Abramovay, 1999; Whyte, 2005).

[14] A Associação de Moradores da Quinta da Fonte exemplifica essa situação, dado que as suas reuniões eram pouco participadas e não possuía uma sede, funcionando provisoriamente na casa do seu presidente.

[15] O uso do conceito de anomia foi importantíssimo para Robert Merton (1970, *apud* Velho, 1979: 12-13) formular uma das obras mais influentes sobre o estudo do comportamento desviante. Segundo este autor, tal comportamento não é fruto de uma personalidade patológica adquirida pelo indivíduo à nascença, mas da influência de estruturas sociais e culturais em estado de anomia que exerceriam pressão sobre determinados grupos e segmentos da população lá inseridos.

como proposto por Elias e Scotson (2000), verifica-se que os moradores realojados são considerados pelos mais antigos como intrusos e potenciais ameaças à segurança e à estabilidade dos que levam uma vida "normal. Como explicam Luís Baptista e Joan Pujadas (2000: 296) "As relações entre novos e velhos residentes, em contextos de mutação social acelerada, tendem a ser conflituais: as mudanças que se revelam incómodas ou desconcertantes para os velhos residentes têm nos novos residentes o bode expiatório".

Esta conjuntura agrava-se quando são os próprios meios de comunicação e algumas instituições governamentais os principais responsáveis por enquadrar tais populações neste conjunto de estereótipos, formulados a partir de uma visão extremamente simplificada das realidades sociais dos seus membros, na qual o espaço concedido à diversidade é praticamente inexistente (Bauman, 2002). Ou seja, as características dos habitantes da Quinta da Fonte são construídas por discursos exteriores ao bairro que os identificam como pessoas problemáticas. Ao mesmo tempo, o bairro de realojamento aparece como uma unidade sócio-espacial privilegiada quando se trata de identificar fontes de violência e problemas da cidade (Fernandes, 2000), o que provoca grande insatisfação nos seus moradores, como fica patente nas palavras deste jovem:

> "Eles [habitantes antigos da Apelação] não partilham muito com os que moram num bairro social. Acham que quem mora nos bairros sociais é bandido, porque é isso, ou porque é aquilo, e eu acho isso mal. Devem saber, primeiro, o que se passa para depois falar" [Entrevistado n.º3, descendente de guineenses, 21 anos].

3. O estigma de pertencer a uma minoria

O uso do conceito de minoria étnica nos discursos da esfera pública e política tem como intuito delimitar uma vasta gama de "culturas" e nacionalidades com base em características sócio-culturais supostamente diferentes dos costumes portugueses. Nesta discussão, está implícita a ideia de que as minorias étnicas são uniformes e culturalmente diferentes do "grupo maioritário", neste caso, os portugueses, também avaliados de maneira estática e homogénea. Autores como Barth (1969), pelo contrário, demonstraram a impossibilidade de se estabelecer uma delimitação estrita de um grupo por um conjunto de traços objectivos, já que a variação cultural por si só não dá conta da maneira como os limites étnicos são construídos. O foco deve privilegiar a forma como a diversidade étnica é socialmente articulada e preservada. Esta abordagem enfatiza a interacção e a interdependência entre os grupos, consideradas condições indispensáveis para a formulação das fronteiras étnicas. Esta mudança é reiterada por Poutignate Streiff-Fenart (1997: 64): "O objecto das pesquisas sobre a etnicidade passou do estudo das características dos grupos para o estudo das propriedades de um processo social. A forma tomou o lugar da substância, os aspectos dinâmicos e racionais substituíram os aspectos estatísticos e o processo tornou-se mais importante que a estrutura".

Sob este ponto de vista, a etnicidade deve ser compreendida através das relações entre os diferentes grupos sociais que estabelecem processos de inclusão e exclusão,

definindo limites e diferenças entre eles e não apenas por um conjunto intemporal e imutável de traços culturais (línguas, crenças, valores, vestuários, ritos, culinária, símbolos, etc.), perpetuados de geração para geração. Embora estes tenham sido construídos sob a égide de uma suposta história comum, os processos de interpretação e de selecção por parte de uma "memória colectiva" nunca cessaram. Os traços culturais que distinguem os grupos étnicos são dinâmicos e contextuais, sendo (re)criados num plano de interacção social com outros grupos, dentro de um contexto histórico concreto (Barth, 1969). A questão específica da etnicidade relaciona-se com a crença numa origem comum, arquitectada através de uma interpenetração de certos acontecimentos e determinados personagens lendários. Neste processo, é fabricada uma série de símbolos identitários, supostamente representativos de uma identidade étnica particular. Esta é a percepção de Stallaerte (2004: 20):

> "(...) caracteriza-se [a identidade étnica] por ser uma identidade que se nutre do passado, um passado mítico em que se situa a comum ascendência, a origem comum dos que integram a colectividade. É esta dimensão histórica, a sensação de formar uma comunidade de parentesco – simbolizada popularmente pelo sangue – o que diferencia o grupo étnico de um mero grupo cultural, linguístico ou religioso"[16].

Os novos estudos etnográficos parecem demonstrar que a homogeneidade é tão artificial no caso dos portugueses, como no de diversos grupos minoritários (Costa, 1999; Contador, 2001; Pais, 2003). O estatuto de minoria étnica atribuído aos imigrantes e a outros grupos étnicos acaba por "menorizar" estas populações, o que tem como consequência o seu afastamento das fontes de poder. O exemplo mais visível é a dificuldade que os imigrantes e os seus filhos evienciam em conseguir a cidadania portuguesa e em exercer a plena participação política. Neste processo de "menorização", realizado, principalmente, pelas autoridades do Estado e meios de comunicação, é atribuída às minorias étnicas uma identidade estigmatizada e negativa, na medida em que esta categoria costuma estar associada à pobreza, à violência, à negritude, aos bairros de realojamento, aos trabalhos precários, às drogas, enfim, a uma vasta gama de atributos estereotipados e preconceituosos. Tal como mostra Fradique (2003:140): "A associação entre etnia, desigualdade social e cultura leva a pensar nas minorias étnicas como uma espécie de nova classe cultural, tornada homogénea exactamente a partir de uma mistura pouco clara dessas três categorias e criada, sociológica e politicamente, para gerir as novas configurações inerentes às sociedades pós-coloniais".

O conceito de minoria funciona como um código dado pela "cultura dominante" que serve para as instituições políticas e sociais simplificarem e delimitarem determinados contextos vistos como problemáticos. Muitas das pessoas consideradas como sendo minoria por estas instituições não se concebem como tal, sendo poucas as que se sentem plenamente identificadas com o estatuto de inferioridade que caracteriza esta denominação, como é sublinhado por Hans Vermeulen (2001:24): "A 'imagem de nós' ganha forma apenas em contraste com a 'imagem deles'. De resto, os grupos

[16] Tradução do autor.

em interacção quase nunca têm a mesma definição da situação ou das identidades de cada um e, com frequência, influenciam-se reciprocamente nas percepções – de forma desigual, porque raramente existe um equilíbrio de poder".

A maior parte da população da Quinta da Fonte é duplamente segregada e discriminada, pois, além de habitar um bairro com uma má imagem, é estigmatizada por ser negra ou cigana. Possui, ainda, um estatuto social bastante frágil, na medida em que está inserida num ambiente sociocultural de fraca estabilidade e protecção[17]. As suas identificações locais estão marcadas por diversos discursos preconceituosos, o que propicia uma limitação de perspectivas e possibilidades de ascensão social. Isto é, a forma como o espaço está organizado e é representado pela sociedade acaba por contribuir para a perpetuação e sedimentação dos estatutos precários dos seus habitantes. Esta realidade pode ser melhor entendida pelas palavras de um jovem residente da Quinta da Fonte, que, ao ser questionado sobre as maiores dificuldades enfrentadas por quem procura trabalho, aponta:

> "Às vezes, quando você quer arranjar um emprego e diz que é desse bairro, a pessoa prefere não te dar emprego. Isso é muito chato porque pode haver pessoas melhores do que outras, que, por estarem num bairro que apresenta uma imagem diferente, uma imagem não violenta, acabam por ficar no emprego, e os outros, só porque pertencem a um bairro que é mal falado e tem um mau ambiente, acabam por ficar sem o emprego" [Entrevistado n.º1, descendente de cabo-verdiano, 24 anos].

Esta afirmação revela as dificuldades que os jovens do bairro enfrentam para conseguir entrar no mercado de trabalho, reforçadas pelos fenómenos da estigmatização a que são sujeitos. Em processos de selecção laboral, muitos julgam ter sido preteridos após darem conta da sua morada. Por isso, muitos optam por fornecer endereços falsos. Todos os jovens com quem conversámos na Quinta da Fonte já tinham vivido situações que podem ser consideradas discriminatórias, inclusive os brancos. Esta é uma experiência bastante vulgar para quem é pobre e habita um bairro socialmente mal-afamado. Muitos desses jovens declararam que são frequentemente seguidos por seguranças em supermercados e centros comerciais e observam pessoas desviarem-se ou protegerem as suas malas quando notam a sua presença. Os próprios interpretam essas atitudes como demonstrações do medo e da aversão que provocam.

4. Quando classe, etnia e estratégia educacional são indissociáveis

Em alguns estudos precursores sobre as estratégias familiares na educação dos filhos, como é o caso da obra de Melvin Kohn (1959), atribuiu-se bastante importância às condições de ordem estrutural. Nesta investigação, o autor defende que as famílias de diferentes classes sociais desenvolveriam diferentes valores, em virtude de condições de vida específicas, que se expressariam em modos de socialização familiar igualmente distintos. Embora não queiramos cair num "fatalismo sociológico" – que

[17] Grande parte dos moradores da Quinta da Fonte não tem a cidadania portuguesa – nomeadamente os imigrantes e seus descendentes –, situação que impede o direito de voto.

faria com que qualquer indivíduo que nascesse no seio da classe trabalhadora tivesse o seu percurso emocional e intelectual predefinido –, a localização de uma família na hierarquia das classes sociais influencia a construção de distintos projectos de vida (Velho, 1987) e de socialização familiar (Seabra, 1999).

Pensamos que a socialização deve ser entendida como um processo interpretativo em que se conjugam a adaptação e a acção. Ou seja, não devemos pensá-la como uma "corrente de transmissão" unívoca e estática, cuja emissão e recepção de regras e valores entre gerações é feita passivamente "de cima para baixo"; mas, antes, como um processo cumulativo de experiências relacionais e de vivência quotidiana, cuja interpretação apresenta uma vasta heterogeneidade. Para tentar não ignorar esta faceta, muitos autores preferem usar a expressão "processo em constituição", pois esta "dá conta, de uma forma dinâmica, do permanente processo de formação das pessoas e permite evitar um certo determinismo subjacente ao conceito de socialização, não retirando peso e importância à família" (Lima, 2004).

Em relação aos jovens da Quinta da Fonte, todos os membros de associações e instituições presentes no bairro enfatizaram as suas graves dificuldades económicas. A Pastoral dos Ciganos da Apelação é uma IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social) que trabalha com crianças do bairro de origem africana e cigana no seu jardim-de-infância. De acordo com a sua responsável, "Este bairro, a nível da população africana tem muitos problemas, há crianças com problemas muito graves que tocam muito. (...) o que eu noto é que há muita miséria. Alguns são mesmo de miséria e outros vivem na miséria mas têm carro à porta de casa, só que para a criança não há nada. Há um desleixo completo (...) Muitos deles, quandó têm algum problema, é ao Di e à Rita, os nossos monitores, que recorrem, não é ao pai ou à mãe".

Esta afirmação ajuda a sustentar a ideia de que as diversas estratégias de educação familiar desta população, assim como a sua relação com a escola e com o mercado de trabalho, terão de ser pensadas em conjunto com a posição de classe destas famílias, os recursos de que podem usufruir e os projectos e perspectivas a que aspiram. Foram muitos os investigadores que problematizaram as diferentes estratégias de educação familiar no seio de classes sociais distintas. De acordo com algumas destas teorias (Kohn, 1959; Lautrey, 1984; Kellerhals e Montandon, 1991; Bourdieu, 1998), os meios sociais mais favorecidos valorizariam mais o domínio de si, a autonomia e a curiosidade, existindo uma orientação no sentido de deixar as crianças fazerem a sua própria experiência, usando a persuasão como "ferramenta" de controlo. Enquanto isso, as famílias oriundas dos meios populares tenderiam a valorizar mais a ordem e a disciplina, onde a atitude autoritária prevalece. Esta perspectiva tem muitas semelhanças com a investigação desenvolvida por Teresa Seabra (1999: 30), que observa "a inequívoca saliência das classes sociais na diferenciação das estratégias de socialização familiar".

Com efeito, esta autora ressalta a necessidade de examinar o papel da família no contexto das redes sociais que a envolve. Isto é, considera que não devemos deixar de fora da análise outros processos de interacção em que os jovens participam, tais como o grupo de pares, as redes de vizinhança, a inserção laboral, a influência dos meios de

comunicação ou a escola. É que, ao moverem-se em múltiplas instâncias sociais, os jovens são influenciados por diferentes processos em constituição, o que nos obriga a analisar os elos de ligação desses diferentes contextos particulares. De acordo com a investigação da autora, configuram-se dois modelos de estratégia familiar na educação das crianças, influenciados pelas distintas forma como as famílias filtram, mediatizam e controlam a influência das outras instâncias socializadoras. Contudo, teremos que salvaguardar a diversidade e heterogeneidade no seu interior, na medida em que concebemos estes dois modelos enquanto "tipos-ideais". Estes modelos dizem respeito a diferentes estratégias familiares na socialização das crianças e jovens que variam conforme as classes sociais a que pertencem:

> • A **estratégia contratualista**, que seria partilhada pelas famílias pertencentes a um meio social de extracto médio ou alto, mais ligadas à burguesia, cujos integrantes completaram e/ ou frequentaram um curso do ensino superior ou um curso médio. Nestas famílias, costuma-se incentivar as potencialidades da criança e a sua sensibilidade segundo técnicas baseadas na empatia e no diálogo, além de haver uma maior coordenação e abertura com outras instâncias socializadoras (idem).
>
> • A **estratégia estatutária**, que apareceria em oposição à primeira e associada a famílias de origem social mais desfavorecida, cujos membros desempenhariam trabalhos ligados ao operariado e à pequena burguesia de execução. As habilitações literárias destas famílias tenderiam a ser mais baixas, variando entre o 4.º e o 11.º anos. As características e os objectivos da estratégia estatutária "salientam a importância da acomodação às normas sociais vigentes, procuram, de modo coercitivo, assegurar a manutenção desta estabilidade normativa e atribuem às outras instâncias socializadoras um papel específico e restrito, participando de forma distanciada" (idem: 50).

Neste trabalho, atribuiremos maior ênfase à estratégia estatutária – por razões que se prendem com a posição de classe das famílias da Quinta da Fonte na divisão social do trabalho –, relacionando-a com o universo da escola. As famílias que se "encaixam" neste tipo de estratégia costumam ter uma metodologia educacional autoritária e coercitiva em relação aos seus filhos, pretendendo condicionar as crianças através do medo e da violência. Um jovem que habita o bairro contou-nos um pouco da influência dos seus pais durante o percurso escolar, revelando-nos o carácter heterogéneo e complexo das estratégias de educação familiar.

> "Eles acompanhavam o meu estudo. Se eu chumbava, era porrada, entre aspas. Eles falavam um pouco do percurso que eles tiveram, diziam que foi difícil terminar os estudos e insistiam para nós nos mentalizarmos de que temos de estudar, diziam que eles antes não tinham nada e para batalharmos. Era comum eles dizerem: «Aproveitem porque no nosso tempo não havia nada disso!» [Entrevistado n.º1, descendente de cabo-verdianos, 24 anos].

Neste caso, as duas estratégias referidas parecem conjugar-se, pois, ao mesmo tempo que nos narra aspectos autoritários dos seus pais, o carácter da persuasão está presente. A explicação talvez possa ser encontrada no facto de a mãe deste jovem ter

sido professora em Cabo Verde (trabalha actualmente como empregada de limpeza, dado que não aceitaram as habilitações e os certificados que trouxe do seu país de origem) e, simultaneamente, pertencer a uma classe social desfavorecida. Ainda assim, consideramos que a prática do diálogo é a que prevalece, de acordo com a citação anterior. A pesquisa de Teresa Seabra é esclarecedora ao concluir que sanções severas aplicadas pelos pais aos filhos não é uma prática tão comum nas famílias de classes sociais mais baixas, mas antes há uma tendência de substituir a punição física pela adopção da persuasão e do "sistema de castigos" (Seabra, 1999). A relação de grande parte das famílias da Quinta da Fonte com a escola pode ser caracterizada, de forma genérica, como distanciada. As famílias que adoptam este tipo de estratégia educativa (estatutária) tendem a ter muita dificuldade em entrar e participar no "mundo da escola", cuja relação acaba por ser marcada pela exterioridade. Em conversas com professores e técnicos das escolas e instituições do bairro em estudo, a fraca participação dos pais foi mencionada inúmeras vezes, como nas palavras da vice-presidente da escola EB1 da Apelação:

> "O principal problema da escola, na minha opinião, é a falta de participação da família. A família não se envolve, ou, se calhar, nós, professores, não conseguimos o envolvimento da família. (...) Nem nas reuniões de pais nós conseguimos. Há uma ou outra turma de excepção, mas, por média, conseguimos 6 ou 7 pais numa turma de 22 ou 23 meninos. Não há participação da família e não havendo participação da família as crianças também não valorizam a escola. É quase o andar cá porque alguém diz que tem de ser, mas ninguém explica por que é que tem de ser..." [Vice-presidente da escola EB1 da Apelação].

Outra professora, desta vez do Jardim-de-infância da Apelação, expressa a mesma angústia em relação à fraca participação da família no universo escolar:

> "A nossa maior dificuldade é na colaboração dos pais e na estabilidade das crianças. Falo mesmo da estabilidade emocional de algumas crianças porque não são crianças estimuladas. Todo o trabalho de estimulação é feito no Jardim-de-infância ou porque os pais se desinteressam completamente, ou então porque têm também graves dificuldades" [Educadora do Jardim-de-Infância da Apelação].

De acordo com a investigação que realizámos no bairro, o principal factor a explicar a ausência de interacção entre a escola e as famílias não reside na reduzida importância que estas possam atribuir à escolarização dos filhos, já que nas entrevistas realizadas se notou que a escola era encarada pela maior parte das famílias como algo importante. Consideramos que o insuficiente diálogo entre essas duas instâncias – família e escola – se deve-se à vulnerabilidade económica da população em causa, o que tem reflexos no conjunto das expectativas, dos valores e projectos de vida construídos pelas gerações mais novas. Grande parte das famílias da Quinta da Fonte desempenha os trabalhos mais precários, mal pagos e desprestigiados da sociedade portuguesa, sendo obrigatório, para muitas delas, fazer horas extraordinárias ou acumular empregos de modo a complementar os baixos rendimentos. Esta situação torna difícil aos pais

acompanharem com mais atenção a trajectória dos filhos, inclusive nas questões relativas ao desempenho escolar. Aponta neste sentido a declaração de um jovem do bairro, ao interpretar as razões para o baixo aproveitamento escolar de alguns estudantes da Quinta da Fonte:

> "Para mim, uma das causas é os pais não terem tempo. Há pais que quase não vêem os filhos, só vêem aos fins-de-semana, levantam-se de madrugada para ir trabalhar e só voltam quase à noite: ou o filho está na rua ou o filho está já a dormir. Ou se o filho está em casa, o pai ou a mãe estão já a dormir porque têm que ir trabalhar amanhã. E não é que não haja interesse, falta tempo para os pais, tipo chegar do trabalho e perguntar ao filho: «O que é que fizeste hoje na escola? Como é que estava a escola? O que te recomendou a professora? Tens que estudar mais! Tens que fazer isso!» Raramente há pais que perguntam isso porque, se calhar, não têm tempo, estão sempre: trabalho – casa, casa – trabalho e é muito chato. Os jovens não são acompanhados. E às vezes, também, na escola, há professores que, como não são os filhos deles, dizem: «Querem vir estudar, vêm, se não quiserem podem ficar em casa». Eles optam por ficar no bairro e isso é mau para eles porque, depois, no futuro, eles, se calhar, não arranjam emprego, não têm muita facilidade para arranjar emprego" [Entrevistado n.º 3, guineenses, 21 anos].

A pobreza em que vive grande parte das famílias da Quinta da Fonte impede uma maior participação dos pais nos domínios da escola. Esta situação prende-se com o facto de muitos moradores deste bairro realizarem trabalhos precários e instáveis, designadamente a construção civil (no caso dos homens africanos) e os serviços de limpeza (no caso das mulheres africanas)[18]. Desta forma, a dimensão económica influencia decisivamente o domínio escolar e cultural, dado que, para as famílias que vivem em dificuldades financeiras, a reprovação dos seus filhos na escola é relativamente pouco importante se comparada com as exigências mais elementares de sobrevivência. O carácter preponderante dos aspectos económicos é expresso por uma técnica da Associação Ajuda de Mãe, uma instituição que faz atendimentos no bairro:

> "Os problemas económicos condicionam tudo, condicionam o tempo, condicionam o tipo de trabalho que as pessoas têm. Às vezes, saem de manhã e só voltam à noite, daí não haver muita disponibilidade para brincar com as crianças, para lhes dar atenção. Muitas vezes, não há tempo, outras vezes, é mesmo desconhecimento, e nós tentamos chamar a atenção, porque, muitas vezes, as pessoas nem sabem que é importante brincar com os seus filhos" [Técnica da Associação Ajuda de Mãe].

Por isso, o contexto de pobreza em que vivem muitas famílias da Quinta da Fonte tem reflexos no aproveitamento escolar das gerações mais novas. Tais alunos terão menos hipóteses de conseguir um desempenho satisfatório, não só por causa das questões relacionadas com a falta de apoios e recursos, mas também pela maior dificuldade dos pais em acompanhar o desempenho escolar dos seus filhos, quer por questões de ordem económica, quer por razões simbólicas e culturais. Há um desencontro entre saberes e tipo de socialização entre a família e a escola, além

[18] A população cigana do bairro trabalha, fundamentalmente, na venda ambulante.

de existir um forte sentimento de impotência da primeira em relação à segunda. A escola é considerada pelos pais como uma instituição onde os filhos poderão obter conhecimentos que eles não dominam, nem podem transmitir (Seabra, 1999). Porém, muitos educadores consideram que há famílias no bairro que dão pouca importância ao desempenho escolar dos seus filhos. Tal situação ocorrerá mais entre as famílias ciganas, segundo a vice-presidente da escola EB1 da Apelação:

> "(...) há crianças que são quase negligenciadas. São deixadas de manhã, os pais vão trabalhar cedíssimo, eles tomam conta deles próprios. Vêm trazer os irmãos ao infantário e depois voltam para a casa e almoçam sozinhos. Há dois anos que temos serviço de refeitório e muitos já vêm almoçar aqui para não estarem sozinhos em casa. Mas há muitas situações em que, depois, o aproveitamento é complicado, as crianças estão cansadas, não têm estímulos, muitos deles vêm à escola porque têm de vir. A família, talvez mais a nível da família cigana, não dá grande valor à escola, e eles acabam por até estarem revoltados por estar aqui e inventam todas as artimanhas para chamar a atenção, para provocar alguma reacção, alguma agitação no sistema. É difícil o aproveitamento. Há crianças com bom aproveitamento, mas mesmo com estas crianças é complicado, porque o ambiente é todo muito pesado, é sempre complicado uma criança conseguir ter um bom aproveitamento..." [Vice-presidente da escola EB1 da Apelação].

Teresa Seabra (1999) associa o fraco desempenho escolar das crianças de origem mais desfavorecida à forma distanciada como os seus pais percepcionam a escola. Segundo esta socióloga, há uma maior separação entre as esferas da família e da escola que se reflecte no tipo de participação e de controlo que a primeira desenvolveria. Estas famílias teriam mais dificuldade na participação no domínio escolar, não percebendo a escola como complemento da esfera familiar, já que lhe atribuem um papel restrito e específico. Não seria a falta de interesse dos pais em acompanhar a escolarização dos filhos o principal adversário para um maior aproveitamento escolar destes, mas as dificuldades de comunicação entre estas duas instâncias. Estas seriam reforçadas pelo desconhecimento, pela impotência e fraca confiança destas famílias em relação ao universo escolar, dada a situação de vulnerabilidade e de empobrecimento em que algumas se encontram.

Lançamos a hipótese de existirem desentendimentos e desencontros entre os tipos de saber e as formas de comunicação praticadas pelas famílias da Quinta da Fonte e os das instituições de ensino (Seabra, 1999). Consideramos que este afastamento aumentou, no caso das famílias do bairro em estudo, devido a factores associados ao processo de realojamento referido anteriormente. Esta conjuntura de distanciamento e incompatibilidade entre os domínios da família e da escola – que não é exclusiva das famílias de origem africana e cigana, atingindo também os portugueses realojados – repercute-se na motivação dos jovens estudantes do bairro para continuar os estudos e no tipo de projecto que constroem para a sua vida.

Alguns autores atribuem à etnicidade uma fonte de diferenciação social tão importante como a posição de classe na estruturação das sociedades actuais (Glazer e Moynihan, 1975; Parkin, 1979), especialmente num contexto em que, com as desco-

lonizações, os fluxos migratórios se intensificaram. No estudo dos jovens descendentes de imigrantes africanos, esta variável é bastante relevante, nomeadamente quando se trata de conhecer as lógicas e códigos de educação familiar e de inserção laboral desta população (Machado, 1994; Pais, 2004; Raposo, 2007). Para algumas famílias da Quinta da Fonte, formulámos a hipótese de os factores de pertença étnica contribuem para aumentar o desencontro entre os processos de socialização familiar e inserção escolar. Ao perceberem que as referências culturais dos países de origem dos seus pais são pouco valorizadas, não é de estranhar a reduzida identificação desses jovens com o conteúdo educacional transmitido pela escola. Além disso, não há articulação desse conteúdo com as experiências dos jovens fora dos seus muros, o que torna a escola descontextualizada e distante das expectativas e necessidades de grande parte dos alunos da Quinta da Fonte. Tanto as dificuldades enfrentadas pelos jovens no seu dia-a-dia, como a riqueza das suas expressões culturais (de que o crioulo é apenas um exemplo) são ignoradas ou, no mínimo, pouco aproveitadas pelas instituições de ensino. Esta realidade faz com que o percurso escolar dos jovens das camadas populares seja marcado pela desmotivação, dado este ser uma "colecção" de experiências negativas (Dayrell, 2005). A necessidade de se estabelecer uma "ponte" entre a escola e as referências culturais dos jovens de origem africana pode ser detectada nas palavras de um jovem do bairro:

> "Aqui no bairro, eles [os jovens] só vivem com africanos e têm um pouco a cultura dos pais e quando vão para a escola encontram uma cultura diferente. Depois, em termos de integração, já fica um bocado difícil para eles. Eles não reagem muito bem quando encontram uma cultura diferente, acho que a principal dificuldade na escola está na integração noutras sociedades. (...) Aqui no bairro fala-se crioulo, a comida que temos é totalmente diferente, depois conhecemos mal a cultura dos próprios portugueses" [Entrevistado n.º 1, descendente de cabo-verdiano, 24 anos].

Só poderemos compreender a etnicidade do ponto de vista relacional, ou seja, na relação com o Outro. Portanto, os fenómenos de estigmatização e discriminação sofridos por muitos filhos de imigrantes são cruciais para compreender os múltiplos processos de construção identitária, assim como o desenvolvimento das suas trajectórias escolares e profissionais. A localização isolada do bairro, o estatuto social vulnerável dos seus habitantes (grande parte dos jovens de origem africana não tem nacionalidade portuguesa, como é o caso dos entrevistados 2 e 3) e a segregação de que são vítimas são alguns dos fenómenos centrais para a apreensão da vida social desta camada juvenil. Quase todos os jovens com quem conversámos na Quinta da Fonte salientam a especificidade da cor da pele e da nacionalidade estrangeira como uma barreira à entrada no mercado de trabalho:

> "Está muito difícil, é muito difícil. O jovem de origem africana encontra emprego onde os outros não querem, onde aqueles que têm mais possibilidades acham que não é aquilo que eles querem fazer, o que torna tudo mais difícil" [Entrevistado n.º3, descendente de guineenses, 21 anos].

Para estes jovens – mesmo para aqueles que conseguiram concluir o secundário e que apresentam um bom aproveitamento escolar –, é muito difícil conseguir emprego fora do sector da construção civil. A entrada no mercado de trabalho inicia-se bastante cedo, entre os 14 e os 16 anos, quando acompanham o pai numa obra para conseguir uns "trocos" durante o período das férias escolares. Entretanto, a obtenção de trabalhos alternativos (fora da construção civil) é referenciada por todos como algo bastante difícil, até porque as suas redes sociais de entreajuda estão mais localizadas dentro deste segmento profissional. Apesar de sabermos que as situações de continuidade laboral são as que prevalecem para os filhos de imigrantes africanos, verifica-se uma maior heterogeneidade de emprego entre eles do que entre os seus progenitores. O trabalho em lojas, restaurantes (como a *Telepizza* ou *McDonald's*) e empresas de segurança e a distribuição de panfletos são algumas das alternativas encontradas, cujo denominador comum é a precariedade da relação laboral. Porém, encontramos alguns percursos profissionais distintos, em que alguns jovens conseguiram inserir-se em áreas mais bem remuneradas e, por vezes, ligadas às novas tecnologias, tais como montagem de computadores, fotografia, vídeo, produção musical e pintura de veículos. Estes são exemplos minoritários, já que o desemprego e a precariedade estão disseminados por esta população. Como até na construção civil se vive uma crise de emprego, o projecto de emigrar é bastante comum entre estes jovens. E muitos já o passaram à prática:

> "Portugal, em termos de emprego, está mal, ele [o seu irmão], como um jovem que está a pensar no futuro, já tem mulher e filho, não pode viver um bocado à 'sombra da bananeira'. (...) Ele trabalhava, depois, o trabalho parava, depois, para tentar arranjar trabalho, demorava algum tempo. E, como ele já tinha família, quer dizer... Ele disse que não dava, teve que ir para fora. Ele foi primeiro para Londres, não correu como ele estava a pensar, voltou para Portugal e, depois, foi para a França. Agora está a trabalhar em Nice. (...) Se a situação de Portugal não melhorar... Se eu vir que, para ficar mais estável na vida, é preciso emigrar, não tenhas dúvidas que eu vou, sem pensar duas vezes" [Entrevistado n.º 1, descendente de cabo-verdiano, 24 anos].

Notámos que existe uma série de aspectos comuns aos jovens de origem africana da Quinta da Fonte. Todos eles são pobres, negros e exercem precariamente o seu direito à juventude – dado o pouco espaço que encontram na sociedade –, estando praticamente sozinhos no seu processo de construção como sujeitos. A escola vira-lhe as costas ao ignorar os temas que mais lhes interessam (e que geralmente tomam lugar, fora dos seus muros) e desvalorizar as suas referências culturais familiares; e o trabalho pouco contribui para o seu engrandecimento pessoal e equivale ao preenchimento dos postos mais desvalorizados socialmente. Desta forma, os jovens estão a abandonar a escola e não conseguem ingressar no mercado de trabalho formal. Eles constroem as suas referências positivas fora das instituições formais e aproveitam o espaço urbano à sua volta e os laços informais que estabelecem entre si para impulsionar os seus projectos e ideais. A conclusão parece evidente: a sociedade não está a criar espaços capazes de acolher estes jovens, pelo contrário, está a converter-se em sua inimiga (Lemus, 2002).

Conclusão

Percebemos, nos capítulos anteriores, como é importante articular a esfera da família com a posição de classe e a pertença étnica dos jovens da Quinta da Fonte para compreendermos os seus percursos escolares e profissionais, suas visões do mundo e modelos culturais. Concluímos que são dimensões inseparáveis da vida social dos indivíduos, incidindo na formulação das suas expectativas, perspectivas e representações. Foi fundamental analisar o processo de realojamento da Quinta da Fonte e conhecer o "quadro de interacção local" de modo a podermos contextualizar as dimensões acima mencionadas (Cordeiro e Costa, 1999), dado que estas não actuam sobre um "vazio social". Notámos que os problemas de aprendizagem escolar dos jovens da Quinta da Fonte são consequência do distanciamento existente entre os domínios familiar e escolar, que empreendem diferentes tipos de socialização. A situação de pobreza de muitas famílias do bairro não só dificulta a sua participação nas actividades da escola (muitas não têm tempo ou suficiente formação para fazer um bom acompanhamento na educação dos filhos), como promove uma estratégia educacional em que os saberes e as formas de comunicação difundidas não estão suficientemente em sintonia com as impulsionadas pelas instituições de ensino.

A problemática da filiação étnica agrava ainda mais este quadro, dado que o programa escolar não abarca interesses e preocupações específicas dos jovens de origem africana, existindo um reduzido diálogo intercultural. Por serem negros e pertencerem às classes sociais mais baixas da sociedade portuguesa, os jovens de origem africana da Quinta da Fonte dificilmente conseguem bons empregos e escapar da precariedade. Regista-se uma reprodução geracional na forma de inserção no mercado de trabalho. Importa ressaltar que, ao viverem na Quinta da Fonte, as dificuldades para superar um estatuto vulnerável e precário são bem maiores. A estigmatização a que estão sujeitos – não apenas por habitar um bairro socialmente mal-afamado, mas também devido ao facto de serem pobres, negros ou ciganos – exerce um "poder paralisante" na tentativa de conseguirem ultrapassar as dificuldades enfrentadas no quotidiano (mercado laboral, inserção escolar, participação associativa, etc.), contribuindo para a perpetuação das suas condições de vida num modelo subcultural próprio.

Por último, vale a pena conjugar as questões acima mencionadas com a operacionalização do conceito de projecto individual (Velho, 1987). Este conceito apresenta-se como uma oportunidade de se conseguir observar continuidades e descontinuidades no interior da mesma categoria social (sejam classes sociais, grupos étnicos ou religiosos), constituindo uma ferramenta teórica útil para reconhecer a riqueza e a multiplicidade de trajectórias individuais na nossa sociedade (Pais, 2003). A relação entre projecto individual e dimensões da vida social em que o agente participa é crucial para entender esse conjunto de processos, pois "os projectos são elaborados e construídos em função de experiências socioculturais, de um código, de vivências e interacções interpretações.

Bibliografia

AGIER, Michel (2001), "Distúrbios Identitários em Tempos de Globalização", *MANA – Estudos de Antropologia Social*, 7 (2), pp.7-33

ANTUNES, Marina (2002), *Estrela d'África, um bairro sensível: Um estudo antropológico sobre os jovens na cidade da Amadora*, Tese de Doutoramento em Antropologia Social, Lisboa, ISCTE

BAPTISTA, Luís e PUJADAS, Joan (2000), "Confronto e Entreposição: Os efeitos da metropolização na vida das cidades", *Fórum Sociológico*, 3/ 4, pp.293-308

BARTH, Frederik (1969), *Ethnic Groups and Boundaires: The Social Organization of Culture Difference*, Bergen, Oslo, Universitetsforlaget

BAUMAN, Zygmunt (2002), "In the lowly nowherevilles of liquid modernity", *Ethnography,* 3 (3), pp.343-349

BOURDIEU, Pierre (1998), *Escritos de Educação*, Petrópolis, Vozes

BURGESS, Robert G. (1997), *A Pesquisa de Terreno: Uma introdução*, Oeiras, Celta Editora

CONTADOR, António (2001), *Cultura Juvenil Negra em Portugal,* Oeiras, Celta Editora

CORDEIRO, Graça Índias e COSTA, António Firmino (1999), "Bairros: contexto e intersecção", in Gilberto Velho (org.), *Antropologia Urbana*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, pp. 58-79

COSTA, António Firmino da (1999), *Sociedade de bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Oeiras, Celta Editora

DAYRELL, Juarez (2005), *A Música Entra em Cena: O rap e o funk na socialização da juventude*, Belo Horizonte, Editora UFMG

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John (2000), *Os Estabelecidos e os Outsiders*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor

FEIXA, Carlos (1999), *De jóvenes, bandas y tribus*, Barcelona, Editora Ariel

FERNANDES, Luís (2000), "Los "territórios urbanos" de las drogas. Un concepto operativo", in M. Díaz e Oriol Romaní (org.), *Contextos, Sujeitos y Drogas: un manual sobre drogodependencias*, Barcelona, Institut Municipal de Salut Pública

FRADIQUE, Teresa (2003), *Fixar o Movimento: Representações da música rap em Portugal*, Lisboa, Dom Quixote

FRUIN, Mark (1980), "The family as a Firm and the Firm as a Family in Japan: The case of Kikkoman Shõyu Company Limited", *Journal of Family History*, 10 (2), pp.432-449

GLAZER, Nathan e MOYNIHAN, Daniel (1975), *Ethnicity: Theory and Experience, Massachusetts*, Harvard University Press

GRUPO DE ESTUDOS SOCIAIS (2004), *Estudo Sociológico da População Residente em Bairros Municipais*, Loures, Divisão Municipal de Habitação da Câmara Municipal de Loures

GULICK, John (1989), *The Humanity of Cities. An Introduction to Urban Societies,* Massachusetts, Bergin & Garvey Publishers

HALL, Stuart (2002), *A identidade cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro, DP&A Editora

HANNERZ, Ulf (1986), *Exploración de la ciudad*, Madrid, Fondo de Cultura Económica

HESS, Robert, D. (1970), "Social class and ethnic influences upon socialization", Paul Mussen (org.), *Carmichael's manual of child psychology*, Wiley, New York, pp. 457-557

KELLERHALS, Jean e Cléopâtre Montandon (1991), *Les styles éducatives des familles: Milieu social, dynamique familiale et êducation des pré-adolescents*, Neuchâtel, Delachaux et Niestlé

KOHN, Melvin (1959), "Social Class and Parental Values", *American Journal of Sociology,* 64, pp.337-351

LAUTREY, Jacques (1984) [1981], *Clase Social, medio familiar e intelegencia*, Madrid, Visor

LEMUS, Roberto Brito (2002) "Identidades juveniles y praxis divergente; acerca de la conceptualización de juventud", in Alfredo Nateras Domínguez (org.), *Jóvenes, culturas e identidades urbanas*, México, Universidad Autónoma Metropolitana

LIMA, Antónia Pedroso de (2004), "Quando família e a empresa se tornam inseparáveis: homens de negócios e gestoras familiares", *Etnográfica,* 8 (1), pp. 117-136

MACHADO, Fernando Luís (1994), "Luso-africanos em Portugal: nas margens da etnicidade", *Sociologia – Problemas e Práticas,* 16, pp.111-134

MAGNANI, José Guilherme Cantor (2003), "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana", *Revista Brasileira de Ciência Sociais*, 17 (49), pp. 11-29

MALKKI, Liisa (2002), "News from nowhere: Mass displacement and globalized 'problems of organization'", *Ethnography,* 3 (3), pp. 351-360

MERTON, Robert King (1970), *Sociologia: Teoria e Estrutura*, São Paulo, Mestre Jou

PAIS, José Machado (2003), *Culturas Juvenis*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda

PAIS, José Machado e BLASS, Leila Maria (org.), (2004), *Tribos Urbanas: Produção artística e identidades*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais

PARKIN, Frank (1979), *Marxism and Class Theory: A bourgeois critique*, London, Tavistock

PARSONS, Talcott e BALES, Robert (1955), *Family, Socializations and Interaction Process*, Illnois, Glencoe

PLECK, Elizabeth (1976), "Two worlds in one: work and family", *Journal of Social History,* 10 (2), pp. 178-195

POIRIER, Jean et al (1995), *Histórias de vida: Teoria e prática*, Oeiras, Celta Editora;

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne (1997), *Teorias da Etnicidade. Seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth*, São Paulo, Editora UNESP

RAPOSO, Otávio Ribeiro (2005), *A Invenção do Bairro da Quinta da Fonte: O estigma de uma juventude*, Relatório Final de Estágio, Loures, Observatório da Imigração – GARSE

RAPOSO, Otávio Ribeiro (2007), *Representa Red Eyes Gang: Das redes de amizade ao hip hop*, Tese de Mestrado em Antropologia Urbana, Lisboa, ISCTE

SEABRA, Teresa (1999), *Educação nas Famílias: Etnicidade e classes sociais,* Lisboa, Instituto de Inovação Educacional – Ministério da Educação

SIMMEL, George (1979), "A metrópole e a vida mental", in Otávio Velho (org.), *O fenómeno urbano*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, pp.11-25

STALLAERT, Christiane (2004), *Perpetuum Mobile: Entre la balcanización y la aldea global*, Barcelona, Anthropos Editorial

VELHO, Gilberto (1987), *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea,* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor

VELHO, Gilberto (1979), *Desvio e Divergência: Uma crítica da patologia social,* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor

VERMEULEN, Hans (2001), *Imigração, Integração e a Dimensão Política da Cultura,* Lisboa, Edições Colibri

WEBER, Max (1992), *Economia y Sociedad,* Madrid, Economica

WHYTE, William Foote (2005), *Sociedade de Esquina: A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor

WIRTH, Louis (1979), "O urbanismo como modo de vida", in Otávio Velho (org.), *O fenómeno urbano*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, pp. 99-113

Título: CONFIGURAÇÕES 3 2007

Director: Manuel Carlos Silva

Directora-adjunta: Helena Machado

Conselho Consultivo: Ana Nunes de Almeida (ICS, Univ. Lisboa), António Colomer (Univ. Politécnica de Valência), António Lucas Marín (Univ. Complutense); Carlos Alberto da Silva (Univ. Évora), Claude-Michel Loriaux (Univ. Católica de Louvaina), Daniel Bertaux (CNRS, Paris), Elísio Estanque (Univ. Coimbra), François de Singly (Univ. René Descartes-Sorbonne), François Dubet (Univ. Bordéus); Hermínio Martins (St Antony's College, Univ. Oxford), Ilona Kovács (Univ. Técnica de Lisboa); James R. Taylor (Univ. Montreal), João Arriscado Nunes (Univ. Coimbra), João Ferreira de Almeida (ISCTE, Lisboa), João Teixeira Lopes (Univ. Porto), John Law (Univ. Lancaster), José Bragança de Miranda (Univ. Nova Lisboa), José Carlos Venâncio (Univ. Beira Interior), José Madureira Pinto (Univ. Porto), José Manuel Sobral (ICS, Univ. Lisboa), José Maria Carvalho Ferreira (Univ. Técnica de Lisboa), Loïc Wacquant (Univ. Califórnia, Berkeley), Luís Baptista (Univ. Nova de Lisboa), Maria Beatriz da Rocha Trindade (Univ. Aberta), Manuel Villaverde Cabral (ICS, Univ. Lisboa), Manuela Ribeiro (Univ. Trás-os-Montes e Alto Douro), Maria Ioannis Baganha (Univ. Coimbra), Michel Maffesoli (Univ. Paris V, Sorbonne), Ramón Máiz (Univ. Santiago de Compostela), Raymond Massé (Univ. Laval), Renato Lessa (Univ. Fluminense), Veit Bader (Univ. Amesterdão).

Conselho Científico: Emília Rodrigues Araújo, Ana Maria Brandão, António Joaquim Costa, Manuel da Silva e Costa, Ivo Domingues, Maria Engrácia Leandro, Helena Machado, Ana Paula Marques, Maria Paula Mascarenhas, Alice Matos, Teresa Mora, Rita Ribeiro, Manuel Carlos Silva, Carlos Veloso da Veiga, Fernando Bessa Ribeiro (UTAD), Manuela Ribeiro (UTAD), Sheila Khan (Univ. Manchester).

Conselho de Redacção: Ana Maria Duarte, Baltazar Ricardo Monteiro, Carlota Fernandes dos Santos, Fernanda Maria Nogueira, Francisco de Azevedo Mendes, Hélder da Costa Machado, José Fernando Bessa Ribeiro, José Guilherme Leite, José Manuel Machado, José Pinheiro Neves, Manuel Carvalho da Silva, Manuela Ivone Cunha, Maria de Fátima Ferreira, Maria Eugénia Rodrigues, Maria Manuela Ribeiro, Maria Norberta Amorim, Miguel de Melo Bandeira, Telmo Caria, Victor Manuel Rodrigues, Vera Duarte.

Secretariado: Sofia Oliveira (sofiaoliveira@ics.uminho.pt)

Propriedade, redacção e administração: CICS - Centro de Investigação em Ciências Sociais, Universidade do Minho, 4710-057 Braga - Portugal. Telef.: 253 604 695. Fax: 253 604 696. <www.cics.uminho.pt>

Coordenadores deste número: Emília Araújo, Ana Brandão, Joaquim Costa, Rita Ribeiro

Normas para apresentação e avaliação de artigos:
Apresentação de originais: os textos propostos para publicação devem seguir as normas sugeridas na parte final da revista.
Avaliação de artigos: os artigos propostos serão submetidos a parecer de especialistas das áreas respectivas, em regime de anonimato. A listagem de avaliadores será publicada cumulativamente cada dois anos. A decisão final cabe ao(s) coordenador(es) de cada número e, em última instância, à Direcção do CICS.
Os textos podem ser publicados em português, espanhol, francês e inglês.
Correspondência (incluindo assinaturas): Revista *Configurações*, a/c Dr.ª Sofia Oliveira, Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho, Campus Gualtar, 4710-057 Braga.

Apoios: A edição deste número foi apoiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Edição: *Configurações* é editada semestralmente (2 números/ano ou 1 número duplo) pelo CICS - Centro de de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho, 4710-057 Braga, em colaboração com Campo das Letras Editores, S.A., Edifício Mota Galiza, Rua Júlio Dinis, 247, 6.ºE1 - 4050-324 Porto. Telef. 22 60 80 870 / Fax. 22 60 80 880 / E-mail: campo.letras@mail.telepac.pt / site: www.campo-letras.pt

Assinatura Anual: Portugal, países de expressão portuguesa e Espanha: 20 euros. Outros países: 25 euros.
Preço deste número: 12 euros.

Fotografia da capa: Abigail Ascenso

Tiragem: 1000 exemplares

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. - V. N. de Famalicão
ISSN: 1646-5075

Depósito Legal nº: 246289/06

Solicita-se permuta. Exchange wanted. On prie l'échange. Solicitamos cambio.

Esta revista prossegue a série de Sociologia (6 números) de *Sociedade e Cultura* da revista *Cadernos do Noroeste*.